



As cores da Festividade de São Sebastião em Cachoeira do Arari: elementos africanos no arquipélago do Marajó-Pará

Denise Machado Cardoso (UFPA)

e-mail: denisecardosoufpa@gmail.com

ORCID: 0000-0002-4992-8286

João Vitor Barbosa da Gama (UFPA)

e-mail: jvb_gama@hotmail.com

ORCID: 009.008.2545.4451

Resumo

A Festividade de São Sebastião é uma das principais festas do arquipélago do Marajó. Caracterizada pelo sincretismo religioso e por características do catolicismo popular tão comum na região amazônica, esta festividade mobiliza a população das cidades marajoaras e das pessoas que migraram para outros municípios do estado do Pará. Durante os eventos que a compõem, nota-se o predomínio de cores que remetem ao culto a Oxossi, orixá presente nas religiosidades de matríz africana. Sob a perspectiva antropológica, investigamos as possibilidades de explicações para os usos de cores específicas e verificamos que as controvérsias estão presentes nas falas de diferentes grupos sociais de Cachoeira do Arari, município onde ocorre a principal festividade de São Sebastião, no Marajó. Apresentando as diferentes etapas desta festividade, evidencia-se que o catolicismo popular agrega os elementos de diferentes tradições, incluindo aquelas com ancestralidade africana.

Palavras-chave: Catolicismo Popular, Marajó, Matriz Africana, Religiosidade

The colors of the São Sebastião Festival in Cachoeira do Arari: African elements in the Marajó-Pará archipelago

Abstract

The São Sebastião Festival is one of the main festivals in the Marajó archipelago. Characterized by religious syncretism and characteristics of popular Catholicism so common in the Amazon region, this festival mobilizes the population of Marajó cities and people who have migrated to other municipalities in the state of Pará. During the events that comprise it, one can notice the predominance of colors that refer to the cult of Oxossi, an orixá present in African-based religions. From an anthropological perspective, we investigated the possibilities of explanations for the uses of specific colors and verified that controversies are present in the speeches of different social groups in Cachoeira do Arari, the municipality where the main São Sebastião festival takes place, in Marajó. Presenting the different stages of this festival, it is clear that popular Catholicism brings together elements of different traditions, including those with African ancestry.

Keywords: African Matrix, Marajó, Popular Catholicism, Religiosity



Introdução

A Festividade de São Sebastião é uma importante manifestação religiosa que se realiza, geralmente, no dia 20 de janeiro, em diversos municípios brasileiros. No Pará, ela ocorre em Cachoeira do Arari, cidade do arquipélago do Marajó; em Belém, capital paraense; em Igarapé Açú, na região Bragantina, além de outros municípios desse estado. Em Cachoeira do Arari, a festividade se estende em diversas etapas ao longo do ano e tem sua culminância em janeiro. Tal como ocorre em diversas outras manifestações culturais do catolicismo popular essa festividade apresenta entrelaçamento de elementos religiosos e profanos. Além disso, observa-se que estes elementos religiosos não se limitam à religião católica romana, posto que as religiões de matrizes africanas também são percebidas, mesmo que de maneira subliminar. Diante disso, propomos compreender a Festividade de São Sebastião como um evento que agrega ritual religioso de diferentes matrizes e seus aspectos profanos expressos na tessitura de redes de relações sociais e nas suas materialidades.

A obra de Marcel Mauss e Henri Hubert (1987) aponta a relevância da relação entre sagrado e profano e como diferentes formas de comunicação com o sagrado possibilitam a coesão social. Embora tratem como tema central o sacrifício, esta obra inspira-nos a refletir sobre as dinâmicas sociais das realidades marajoaras, na medida em que a festividade de São Sebastião agrega características diversas e de diferentes lugares do Marajó.

A festividade objeto do presente estudo manifesta-se como algo relacionado à religião, mas não se encerra aí. A amplitude e complexidade do tema investigado envolve a religião como aquilo que Emile Durkheim (2014) relaciona a sentimentos coletivos e forças sociais. Portanto, a vida religiosa está para além da própria religião.

Nesse contexto, consideramos relevante destacar o sincretismo religioso presente nessa festividade. De acordo com os estudos realizados por Aurenéia Maria de Oliveira (2023), o sincretismo religioso foi uma das formas de submeter os povos originários e afro-brasileiro. Ressalta, ainda, que por meio desse mesmo sincretismo, ocorreu o que denomina como:



Um movimento que vindo de baixo, configurou-se numa resposta popular a essa proposta universalista da religião católica, isso como uma estratégia de resistência e sobrevivência de outras formas de religiões, especificamente das afro-brasileiras (2023, p. 38).

Em relação aos procedimentos teórico-metodológicos da presente pesquisa, ainda em andamento, elegemos majoritariamente a experiência etnográfica. Desenvolvemos a observação participante, tal como apresentado por Bronislaw Malinowski (1998[1922]), pois buscamos a inserção com participação nas diferentes atividades e etapas que envolvem a festividade, tema desta pesquisa. Nesse contexto, propomos realizar conversas informais e entrevistas semiestruturadas junto ao Poder Público Municipal, Igreja Católica e Irmandade do Glorioso São Sebastião e de pessoas ligadas a Terreiros de Umbanda. Incluímos previamente a análise do corpus bibliográfico disponível sobre os temas relacionados ao contexto das festividades religiosas, em especial aquelas que ocorrem no Marajó.

Com o intuito de conhecer as realidades marajoaras de Cachoeira do Arari, marcadas por ¹ dificuldades de acessos devido aos períodos de seca e de cheia, utilizamos a experiência etnográfica como estratégia de investigação na pesquisa que ora realizamos. A elaboração de dados ocorre a partir de trabalho de campo intensivo inspirados na recomendação de Gluckman (1990), pois para esse autor, os dados não podem ser utilizados para ilustrar as conclusões produzidas pelo pesquisador e/ou pesquisadora, mas devem se constituir como o arcabouço principal da própria análise (Gluckman, 1990). A princípio, os dados são para descrever o funcionamento de um sistema social, pois cada um de seus aspectos constituintes (casos) passa a ser considerado como um estágio de um processo dinâmico de relações sociais entre pessoas e grupos num sistema social e numa cultura, o qual pode se desdobrar em direção ao passado (Gluckman 1990).

Além da observação do comportamento dos indivíduos em interação (análise sincrônica), também é de grande relevância considerar a história social dos grupos/ou comunidades investigadas (análise diacrônica). Por isso, recorreremos à

¹ Tal como ocorre em várias regiões do chamado Trópico Úmido, o arquipélago do Marajó apresenta períodos das secas, que ocorrem nos meses de estiagem das chuvas entre os meses de julho a dezembro; e as cheias, durante os meses em que os rios transbordam com as chuvas intensas entre janeiro a junho.



reconstrução do contexto sócio-histórico e econômico amazônico, o qual ajuda a entender as sociabilidades construídas a partir das Festividades do Santo pelo Marajó e os modos de sociabilidades engendrados por ribeirinhos e vizinhos de municípios adjacentes e até mesmo da capital Belém do Pará a partir dos contatos estabelecidos desde o início dos festejos no início do século XX.

Utilizamos, ainda, a observação das materialidades presentes em praticamente todos os ambientes em que se manifesta a festividade. Destacamos o elemento cor pois ele nos permitiu refletir acerca da possível influência afrodiaspórica nesta festa que marca o catolicismo popular no arquipélago do Marajó.

Marajó e Cachoeira do Arari

Conhecido por apresentar a maior ilha flúvio-marinha do mundo, o Marajó é um arquipélago situado ao norte do Brasil, tendo como limites o Estado do Amapá, Oceano Atlântico, Baía do Marajó e Rio Pará. Abrangendo uma área de 49.606 Km². O arquipélago é composto por doze municípios, com uma população de, aproximadamente, 590.000 habitantes (IBGE, 2022), com uma diversidade sociocultural que agrega populações tradicionais ribeirinhas, quilombolas, povos indígenas e grupos sociais oriundos de recentes processos migratórios para os municípios deste arquipélago.

O Marajó é formado por duas regiões particulares: à leste tem-se a região dos campos naturais e à oeste localiza-se a região da densa floresta tropical, que se estende até sudoeste da ilha (Pacheco, 2009). Economicamente, o Marajó é um dos principais fornecedores de produtos extrativistas, frutíferos, pesqueiros, agrícolas e pecuários para Belém, capital do Estado do Pará.

Do ponto de vista do turismo, vários municípios passaram a receber, desde a década de 1970, incentivos do governo estadual para o desenvolvimento destas atividades. Nesse contexto, os municípios em que há maior potencial para o turismo foram aqueles que passaram a receber tal incentivo. Assim, nos locais onde há praias litorâneas, campos naturais, zonas de florestas primárias, fazendas de gado bubalino e nas áreas com vários outros atrativos naturais e turísticos, o apoio financeiro por parte do governo estadual foi mais acentuado (Oliveira, 2008).

Como festa do catolicismo popular, é interessante trazer ao debate as reflexões elaboradas por Carlos Rodrigues Brandão no que ele considera ser uma ética que



regula as relações sociais a partir do modelo celeste. Analisando conceitualmente o catolicismo popular sob diferentes possibilidades, nota-se que há aspectos sociais que envolvem a educação, a religião, as relações sociais no ambiente rural. Em *Deuses do povo* (1986), Brandão apresenta conceitualmente o debate sobre catolicismo popular a partir de experiências etnográficas que se tornaram referência nos estudos sobre esse tema.

Especificamente ao tema de estudo que ora desenvolvemos nos municípios marajoaras, é importante ponderar a pesquisa sob a perspectiva indicada por Carlos Rodrigues Brandão, acrescidas das análises desenvolvidas por Carmem Izabel Rodrigues e por Heraldo Maués. No Marajó, a cultura amazônica é marcada pela pluralidade e pelo sincretismo composto pelo entrelaçamento de mitos, cosmovisões, crenças e práticas culturais expressas na diversidade religiosa dos povos originários, juntamente com a riqueza ainda maior no que diz respeito à religiosidade católica e daquelas com matrizes africanas.

A pesquisa realizada por Carmem Izabel Rodrigues (2008) sobre as festas religiosas populares, contribui de modo significativo na compreensão do que ela denomina como Festividades Mestiças na Amazônia. Embora pesquisando as festas religiosas em Belém, há uma rica explanação sobre as principais obras que tratam desse tema sob a perspectiva histórica e antropológica, trazendo a circularidade de símbolos culturais no processo de sincretismo religioso na Amazônia.

Conforme observado por Heraldo Maués, o catolicismo popular é centrado, em vários municípios da Amazônia, na crença e no culto aos santos, e esse culto se expressa, frequentemente, por meio das festas (Maués, 1999). Nesse contexto, os estudos realizados por Eduardo Galvão (1953, 1955) são inspiradores, pois revelam o catolicismo com suas características amazônicas.

De acordo com dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2018), existem no Marajó quarenta e cinco festas dedicadas em homenagem a São Sebastião, com rituais compartilhados e que possuem idiosincrasias que as tornam únicas em seus contextos e aspectos culturais. As festas de maiores proporções envolvem grande complexo estrutural, com diversos setores da economia e cultura como: gestão municipal, Igreja, associações locais e outras entidades como é o caso do Glorioso São Sebastião.

Cachoeira do Arari é um dos municípios marajoaras que se destaca no



calendário festivo do arquipélago como uma das maiores manifestações em homenagem a São Sebastião. Estima-se que mais de dez mil pessoas chegam em janeiro à cidade para participar da festa. Por sua importância, a festividade teve seu registro aprovado em 2013 pelo IPHAN, compondo atualmente o patrimônio cultural do Brasil. (IPHAN, 2018). Contudo, cabe destacar que este santo é importante em quatorze dos dezesseis municípios que compõem a Mesorregião do Marajó (como mostra a figura a seguir). Exceto Bagre e Pontas de Pedras não possuem esta devoção e festividade ao santo.

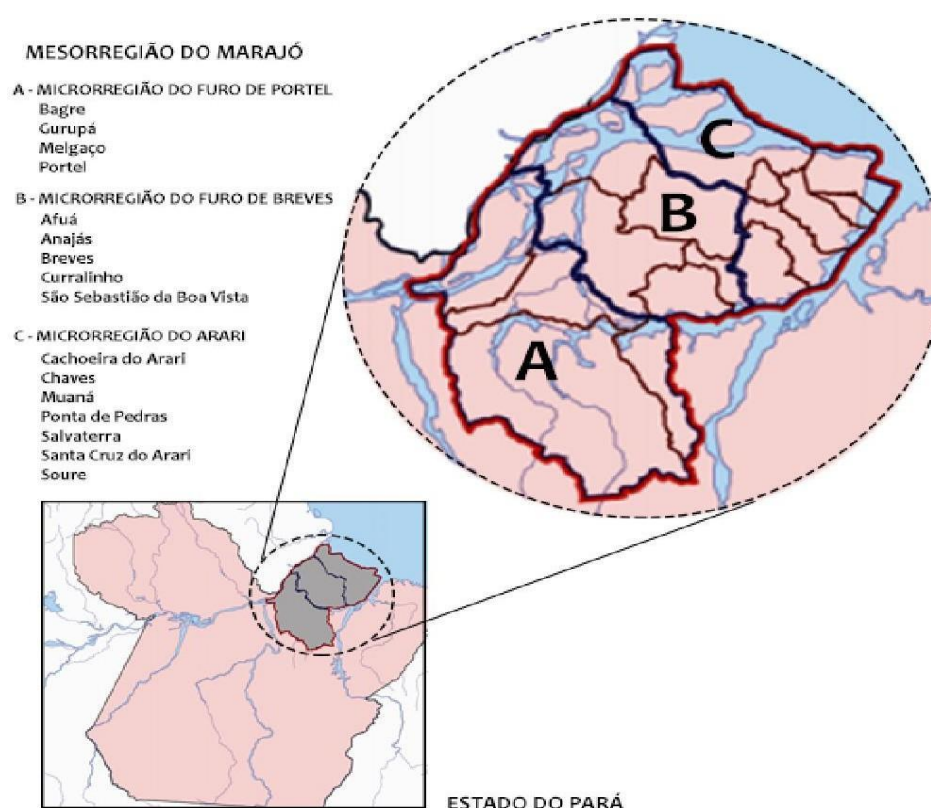


Figura 01: Divisão da Mesorregião do Marajó
Fonte: Chaves, 2018.

Percebe-se, portanto, que a abrangência da festividade caracteriza-a como uma festa que agrega e proporciona a coesão social marajoara. Revela, também, a influência do catolicismo ibérico e como ele foi sendo reatualizado ao longo do processo histórico que envolve sincretismos.

São Sebastião: a origem da devoção ao santo

Sebastião foi um dos soldados romanos morto no século III DC por perseguição



romana aos cristãos. Seu culto teria surgido no século IV e atingido seu ápice apenas nos séculos XIV e XV, tanto na igreja católica como na ortodoxa (Mengali, 2018). A história de vida de São Sebastião (IPHAN, 2010), similar a de outros santos populares, é tecida em meio a fatos heroicos e sofrimento, prevalecendo a ideia de martírio. Este sofrimento começou quando ele foi condenado a morrer crivado por flechas segundo ordens do imperador Diocleciano. A condenação tinha como razão o fato do soldado ser considerado pouco severo com os cristãos com os quais lidava.

Milagrosamente, mesmo tendo sido atingido por várias flechas, símbolo constante em suas iconografias, não morreu. Foi socorrido por Santa Irene, que cuidou de suas chagas. Dessa forma, sobreviveu à morte e reafirmou suas crenças. Levado novamente à frente do imperador Diocleciano, foi mais uma vez condenado a morte por espancamento, ainda assim não teria morrido, só morreria posteriormente, transpassado por uma lança e como ficou representado sua imagem perante os rituais religiosos.



Figura 02: Imagem de São Sebastião.
Fonte: Carvalho, 2018.



A devoção a São Sebastião no arquipélago do Marajó não tem uma data precisa que indique seu início, mas supõe-se que esteja relacionada ao processo de colonização na região que data o século XVI (Varella, 2005). Na maioria dos municípios marajoaras, São Sebastião é considerado o padroeiro dos vaqueiros e fazendeiros. Também é denominado pela população local como Glorioso São Sebastião, o santo que protege os animais contra as doenças, a seca, a fome e as inundações. Sendo assim, é venerado e respeitado por um grande número de pessoas e, portanto, por diferentes motivações.

A realização das festividades em devoção à São Sebastião se constituem como oportunidades de deslocamento num “Marajó” de grandes extensões físicas e com desafiadores modos de acessibilidade devido à precariedade das estradas, irregularidade nos serviços de transporte fluvial. Além disso, a festividade se apresenta como momento de expressar a devoção religiosa e de sociabilidade, marcada pelo reencontro de famílias e amigos moradores de campos, fazendas, vilas e cidades distantes entre si. Conforme observado pelo estudo desenvolvido pelo IPHAN, estas festas são momentos para reafirmar os laços entre a comunidade católica e aquelas adeptas a outros cultos. Além disso, o santo é a figura que intermedia sociabilidades, além de fomentar a economia local. (IPHAN, 2018). Portanto, percebe-se nestas festividades uma multiplicidade de elementos que extrapolam o seu caráter religioso, agregando-se a elas diversos aspectos dos modos de vida das populações marajoaras.

Os festejos do Glorioso São Sebastião ou, simplesmente, festa do santo são oportunidades para realizar outras interações em sociedade. Desse modo, os calendários festivos religiosos fazem-se coincidir, com ajustamento de datas, os casamentos, batizados, início de namoro, reencontro entre parentes e amigos. Além disso, caso a celebração seja realizada na sede do município, o festejo ainda pode coincidir com idas ao médico e ao comércio, entre outros serviços disponíveis apenas nas sedes municipais. Ocasionalmente importantes momentos de sociabilidade, não apenas entre as famílias consanguíneas, mas entre toda a comunidade devota do santo.

Segundo Juliana Corrêa (2013) a festa é um evento coletivo que ultrapassa o sentido da comemoração e atua na formação dos vínculos que fundamentam a experiência humana coletiva. Ela marca histórias pontuando e regulando o curso da



vida das pessoas. O que se observa é que as características de informalidade, de inversão, de brincadeira, de resistência à ordem, de mistura de elementos, muitas vezes conflitantes, é uma forma de sincretismo, que extrapola o religioso, mas não deixa de ser parte da religião.

É um ritual que apresenta um conjunto de mensagens que dizem respeito à própria vida social experimentada cotidianamente pelos grupos e categorias sociais (Alves, 1980). É a manifestação da identidade amazônica, que tem na festa dos santos, um de seus principais elementos, como apontou Raymundo Maués (1999). Ela é, ao mesmo tempo, livre e obrigada, não está subsumida a uma totalidade que a precede, mas “[...] [faz] emergir o individual do coletivo, o afetual do contratual, a socialidade da sociabilidade [...]” (Perez, 2012, pag.36). A festa é, portanto, mais do que um fato social, ela se abre para a liberdade das ações, fazendo com que afluam as emoções e os sentimentos não domesticados.

A festividade do Glorioso São Sebastião em Cachoeira do Arari

A festividade apresenta-se em várias etapas, cuja culminância ocorre entre 10 a 20 de janeiro. Caracterizando-se por ser realizada em diversas fases: Peregrinação, passando pela Esmolação, Corte e Chegada dos Mastros, a festa chega ao momento de seu ápice, em janeiro.

O primeiro momento acontece no mês de maio quando a imagem do santo peregrina pelos municípios de Belém, Ananindeua e Barcarena, visitando famílias cachoeirenses, além de visitar várias repartições públicas e instituições religiosas. Ao todo são quarenta e cinco dias de peregrinação, nos quais ocorrem as ladainhas rezadas pelos foliões, que são pessoas das próprias comunidades e responsáveis em cantar, tocar instrumentos e rezar.

Em um segundo momento, a peregrinação ocorre a partir de julho em Cachoeira do Arari, quando é realizada a esmolação nas fazendas (julho até janeiro), corte dos mastros (15 de novembro), chegada dos mastros na cidade (dezembro - segunda-feira posterior ao círio de Nossa Senhora da Conceição) e no período de 10 a 20 de janeiro. Neste estudo, optamos por focar a descrição da quinta etapa da festividade, pois é a culminância desse processo que marca as práticas sociais da região dos campos do Marajó.

Inspira-nos as considerações de Vincent (1987), ao asseverar que é preciso



dar relevo a vários personagens do universo da Festividade quais sejam, peregrinos da procissão até os rezadores, a comissão de foliões composto por mestre-sala, o violeiro, o dandeideiro e o tambozeiro, como também os mastros dos homens, das mulheres, das crianças, adolescentes/rapazes, que representam novas formas de sociabilidades no corpo da festividade, além dos representantes do poder público municipal prefeito e secretário de cultura e representante da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Do ponto de vista etnográfico, buscamos a reflexão trazida por Van Velsen (1987), pois ele argumenta que os antropólogos devem distinguir os vários tipos de informações a que teve acesso, e devem tratá-los com o necessário cuidado, pois uma coisa é a opinião do interlocutor sobre uma situação, outra coisa é a explicação da mesma que ele pode fornecer, e outra que pode ser bastante diferente é o que ele faz efetivamente em relação a seus pontos de vista.

Buscamos caracterizar essa festividade do catolicismo popular marajoara, destacando os seus aspectos relacionados às possíveis heranças culturais africanas expressas naquilo que denominamos como “cores do santo”. Para tanto, partimos da descrição da festividade no momento de seu apogeu, no mês de janeiro. Quando necessário, utilizamos imagens de outras etapas que ocorrem ao longo do ano. O que se segue, é uma breve descrição da festividade entre os dias 10 e 20 de janeiro, momento em que se concentram as atividades festivas na sede de Cachoeira do Arari.

A partir do dia 10 de janeiro começa a etapa da festividade, conforme anteriormente mencionado. Nela são feitos os convites com vistas a receber os fieis no dia 20, com almoço farto de comidas e bebidas. O almoço é considerado de extrema relevância para as diferentes classes sociais, pois independentemente do status social que possuem o cardápio é o mesmo em todas as casas e famílias. Geralmente, a comensalidade é iniciada às doze horas, com uma rajada de foguetes e pistolas anunciando que o almoço está servido.

Vale ressaltar que ainda no dia 9 de janeiro é realizada a última ladainha da peregrinação dos campos, que acontece na Fazenda Cueiras, de propriedade da família Oliveira Vasconcelos. Isso acontece há cerca de dezessete anos, mas, anteriormente, a ladainha era realizada na Fazenda Espírito Santo, de propriedade da família do Coronel Agostinho Monteiro. Quem residia nesta fazenda era o feitor Sr.



Raimundo Reis Ferreira, conhecido como Sr. Ninito e sua esposa, a Sra. Ursula Lina Gonçalves Ferreira, conhecida como Dona Petita (ambos já falecidos).

Conta-se que Ninito e Petita recepcionavam inúmeras pessoas para “um caprichado banquete”. São recorrentes as histórias sobre o intenso movimento durante o dia todo. À noite, esse casal recebia mais de duzentas pessoas para a última ladainha, por volta das vinte horas. A casa não suportava todo mundo, ficando o quintal tomado por fiéis. Neste período não existia o fornecimento de energia elétrica e “tudo era na base da vela e da lamparina”. Quando a fazenda foi vendida, em 2008, o novo proprietário deixou de receber o santo, além de não permitir a realização da última ladainha. Por este motivo ela passou a ser realizada em espaço residencial, na Fazenda Cuieiras. A imagem a seguir mostram a realização de ladainha de 2024.



Figura 03: Ladainha na fazenda Cuieiras
Fonte: acervo da pesquisa, 2024

No dia 10 a imagem de São Sebastião é levada, desde às primeiras horas da manhã, em carreata da fazenda Cuieiras. Uma pequena multidão já aguarda o santo na antiga fazenda Espírito Santo e desse perímetro, ele segue em procissão até a entrada da cidade. Aqui, neste momento, muitos pagadores de promessa vão caminhando ao seu encontro e acredita-se que “o santo vai abençoando e recebendo suas fitas das mãos dos fiéis” que estão agradecendo alguma graça alcançada por seu intermédio e assim, segue até a entrada da cidade, em procissão que dura cerca de quatro horas.



Ao chegar na entrada da cidade, o santo sempre é conduzido pelo pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição para receber as homenagens e ser reverenciado por todos que estão lá presentes. Os foliões, que são os rezadores das ladainhas, fazem a ladainha de chegada e posterior o padre inicia o momento de louvor com muitas músicas em homenagem a São Sebastião, que exaltam sua valentia e sua lealdade a Jesus Cristo e o santo segue em procissão para a igreja matriz.

Quando o sino soa, significa que o cortejo dos mastros pode ser iniciado e assim, a banda João Viana começa a tocar. O cortejo segue com uma multidão até a praça do mastros onde serão enterrados, permanecendo até o final da festa, dia 20 de janeiro.



Figuras 04 e 05: as cores da festa
Fonte: acervo da pesquisa, 2024.

No decorrer desses onze dias de festividade são realizados diariamente missas e bingos. Do dia 11 ao dia 17 é realizada a esmolação do santo em diversas



casas católicas da sede do município, visto que é o momento em que o santo vai ao encontro de seus devotos, principalmente daqueles que se encontram enfermos.

Do dia 17 ao dia 20 são realizadas diversas festas com aparelhagens nas sedes. Em relação às festas de aparelhagem, Mauricio Costa (2003), afirma que “as aparelhagens de som, ou simplesmente, aparelhagens, como são popularmente conhecidas no Estado do Pará, são empreendimentos de sonorização festiva que surgiram nos anos 1940, em Belém do Pará. Sempre associadas a eventos dançantes, as aparelhagens evoluíram ao longo do século XX, passando por inúmeras inovações tecnológicas de sistemas sonoros, transformações que revolucionaram a forma de ouvir e vivenciar a música. Atualmente, as aparelhagens representam um apanhado de equipamentos de luz, som e efeitos pirotécnicos que fazem parte da experiência dançante destas tradicionais festas que são vivenciadas em todo o território paraense.

Além destas festas dançantes nas sedes de clubes é possível observar atividades na praça da Independência, onde inúmeras bandas fazem show aglomerando por noite uma média estimada em vinte mil pessoas.

No dia 18 é realizada a Agarrada, uma modalidade de combate corporal, também denominada como Luta Marajoara. A agarrada foi criada no próprio arquipélago do Marajó e ocorre em duas categorias: masculina e feminina, durante festejos do Glorioso São Sebastião, como manifestação de identidade cultural durante os jogos quilombolas de Salvaterra, além dos momentos de brincadeiras cotidianas e no ambiente escolar do Marajó (Santos, 2024). Trata-se, portanto, de uma relevante atividade nessa região, tema de estudo em diferentes áreas de conhecimento. Ainda neste dia, ocorre a procissão dos vaqueiros, seguida de missa em homenagem ao dia municipal do vaqueiro.

Na tarde do dia 19 é realizada a tradicional corrida de cavalo (Bandeira Netto; Cardoso, 2022). Em diferentes modalidades, que variam conforme a classificação local e baseada no local e alimento predominante do animal, a competição é assim organizada: cavalo marajoara, cavalo do pasto, cavalo de ração, cavalo meio sangue e cavalo puro sangue. Atraindo, média, dez mil pessoas nesse evento que é um dos mais esperados do arquipélago marajoara, pois segundo ouve-se nas conversas entre moradores de Cachoeira do Arari: “pode-se ganhar qualquer corrida, mas se não ganhar a corrida do cavalo da festividade de São Sebastião é o mesmo que não



ter ganhado nenhum prêmio”. A corrida é considerada o maior evento e o grande prêmio para quem dela participa. Vale frisar que na noite do dia 19 de janeiro, é realizado na Barraca do Santo o sorteio para indicar quem será o presidente de cada mastro do ano seguinte.

O último momento da festividade acontece no dia 20 de janeiro, dia dedicado a São Sebastião. Desde o início da manhã já se observa a movimentação para a realização da procissão final, onde o santo é conduzido em seu andor, ora por homens, ora pelas mulheres, percorrendo várias ruas do município para receber inúmeras homenagens de diversas famílias, de devotos locais e de visitantes que vêm para pagar promessas.



Figura 06 e 07: procissão e missa do dia 20 de janeiro.
Fonte: acervo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 2024.

Após a procissão, inicia-se a missa solene em homenagem ao “Santo Guerreiro” e ao final, na Barraca do Santo, várias famílias se reúnem para almoçarem neste local. Algumas famílias vão para outras barracas que fornecem, tradicionalmente, as comidas regionais (Maniçoba, Pato no Tucupi, Arroz Paraense, etc.). Há aquelas que optam em se dirigirem para as suas residências e oferecem almoço em homenagem a São Sebastião. É comum que as famílias recepcionem familiares e amigos para juntos expressarem agradecimentos pelas bênçãos e para compartilharem as deliciosas comidas, sobremesas. No almoço, é oportuno brindarem a renovação da fé no Glorioso São Sebastião.

Ainda no dia 20 de janeiro, um mastro é trazido por homens iniciando o cortejo às quinze horas. Eles seguem pelas ruas indo buscar as demais pessoas na casa



onde estão depositados os demais mastros que serão utilizados no ano, Buscam-se nas chamadas residências do mastro das mulheres e, por último, na residência do mastro das crianças. Em seguida, direcionam-se para a entrada da cidade para aguardarem a imagem do Glorioso São Sebastião e assim o receberem com honrarias.



Figura 08: mastro das mulheres
Fonte: acervo pessoal, 2024.

Nesta oportunidade se iniciam as programações no palco localizado na Praça dos Mastros, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal, com ações organizadas pela Secretaria de Cultura e Turismo. Às dezessete horas é iniciada a derrubada dos mastros, começando pelo mastro das crianças, seguido pela derrubada pelas mulheres. O mastro dos homens é derrubado, por último, a golpes de machadadas. Nesta etapa final é possível observar uma longa fila que se forma para dar uma única machadada e assim pegar uma casca do mastro para ter como amuleto da sorte ou da cura quando tiver com alguma enfermidade.



Ao cair o mastro dos homens inicia-se o cortejo final dos mastros que serão levados por uma multidão triplicada daquela que havia participado no dia 10 de janeiro. Costuma-se dizer que esta festa inicial do dia 10 é dos cachoeirenses, enquanto que a do dia 20 é *do mundo*, pois vêm marajoaras de todos os 16 municípios, além de turistas de vários lugares do Pará, do Brasil e de outros países, triplicando a população local. Os mastros são entregues nas residências dos novos presidentes e assim finaliza o cortejo e o lado profano da festividade.



Figura 09 : início do ritual de derrubada dos mastros, em 2024.
Fonte: acervo da pesquisa, 2024.



Ao longo da pesquisa de campo observamos a predominância de algumas cores que se assemelham com manifestações religiosas de matrizes africanas. Isso nos instigou a problematizar se seria o caso de estar ocorrendo o sincretismo religioso, tal como sugerido por Hooft (1968), por intermédio de Aurinéa Oliveira (2023). No entendimento desses autores, o sincretismo, quando expresso no âmbito religioso, diz respeito ao acréscimo de aspectos que tiveram origem em outro mundo religioso. Assim, procuramos problematizar a predominância das cores verde, vermelho e branco em diferentes elementos desta festividade.

As cores de S. Sebastião: diálogos possíveis entre duas práticas religiosas

As cores dos mastros nos levou a pensar na possível relação entre o culto católico a São Sebastião e as expressões da religiosidade com matrizes africanas. Seriam as cores das fitas, e de demais aspectos da decoração e ornamentos, uma característica ocultada e silenciada da religiosidade africana em Cachoeira do Arari e demais municípios do arquipélago do Marajó?

Além dos mastros, as cores vermelho, branco e verde são predominantes durante as etapas da festividade em que ocorre a Esmolação. Nesta oportunidade, ou seja, nos meses de junho a dezembro, são realizadas as ladainhas², almoços e as festas dançantes. As cores acima indicadas são marcantes em detalhes e de maneira ostensiva, conforme se observa na decoração dos espaços das festas dançantes, ao ar livre

² A ladainha é realizada em latim vulgar (ou popular), onde cinco foliões iniciam com os cantos introdutórios. A ladainha dura em torno de sessenta minutos, no qual ocorrem as orações cantadas pelos foliões, seguida da benção do santo pelo dono e dona da casa.



Figura10: local da festa dançante na fazenda.
Fonte: acervo da pesquisa, 2024

Ao entrevistarmos Pai Ediu de Ogum (30 anos), zelador do Terreiro de Mina Nagô de São Jorge³, com vistas à sua percepção como umbandista sobre a Festividade de São Sebastião, ele assim respondeu: “nós umbandistas, por conhecermos o catolicismo, o conhecemos como São Sebastião. Trazendo pro lado e pra dentro da umbanda, São Sebastião representa Oxossi, o orixá que traz a fartura, representa as florestas, representa o sustento”. Quando perguntado sobre as cores dos mastros vermelho, verde e branco o zelador afirma:

“O vermelho do nosso ponto de vista e do nosso conhecimento ele representa o sangue de Jesus Cristo, onde dentro da nossa umbanda a gente chamamos de Oxalá; o verde representa as matas, as florestas onde oxossi dominava, onde Oxossi morava e onde Oxossi caçava, porém também representa a fartura, a divindade que Oxossi mostrava, a divindade que Oxossi cultuava e cultua dentro das matas”. (Entrevista realizada 25/01/2025).

³ Utilizamos a denominação trazida por pai Ediu “porque hoje em dia não se chama mas nem de pai e nem de mãe de santo e sim zeladores”.



A fala de Mariinha de Jesus Costa Feio (67 anos), zeladora do Terreiro Estandarte Rei Sebastião, é mais contundente a respeito da relação entre a festividade de São Sebastião e religiões de matrizes africanas, em especial a aproximação entre este santo e Oxossi. Segundo ela nos contou:

“A festividade do São Sebastião é o momento que encontro todos os meus filhos, momento que tenho de agradecer por tudo que ela faz por mim durante o ano todo, durante essa festividade minha família abre as portas de sua casa para todos sem distinção, eu nunca deixo de vir, ele é meu pai de cabeça meu oxossi”. (Entrevista realizada 13/01/2025).

Ao indagarmos sobre as cores dos mastros ela explicou o significado da seguinte maneira:

“O vermelho é porque ele sofreu muito, mas ele foi guerreiro, ele venceu apesar das flechadas, ele cuidou, ele protege é o Glorioso São Sebastião. Além da guerra que ele enfrentou contra os inimigos, que não queriam vê-lo bem sucedido”.

“O verde é porque meu pai Oxossi da mata Okê Arô Oxóssi, Okê Arô Oxossi, é o rei da mata e onde tem trilhas e muitas trilhas, onde as ervas se encontram e o significado do verde é a mata”.

“O branco que pertence também, onde amarramos as fitas, o branco é a paz que reina nas cores do vermelho e do verde, essa paz que traz as pessoas, essa união de 10 a 20 de janeiro estarem sempre unidos, respeitando, carregando o mastro do santo, não importa o peso e nem o tamanho, o que importa é a fé e essa fé vem desse branco que é essa paz maravilhosa que une nós marajoaras e onde depositamos todas as nossas angústias e realizações e assim amarramos nossas fitas na imagem do glorioso São Sebastião”.

Percebe-se nas falas de ambos, o sincretismo tão marcante no catolicismo popular na região amazônica. Tal como foram conectadas as características dos santos católicos àquelas dos orixás, entidades e outros seres espirituais das religiosidades de matrizes africanas, houve o acréscimo das características dos seres que compõem a espiritualidade dos povos originários.

Nos estudos de Anaiza Vergolino (2002), Taissa de Luca e Costa (2020) há elementos históricos e antropológicos que dizem respeito ao processo de inclusão de aspectos das religiões de matrizes africanas no Pará, trazidos principalmente do Maranhão, na configuração da religiosidade paraense.



A pesquisa bibliográfica nos levou à obra de Dalcídio Jurandir. Em seu poema publicado em 1932 “Velho Mané Gregório” ele destacou a associação do santo aos vaqueiros, representando a luta diária desses trabalhadores. O autor também menciona as fitas coloridas como oferendas tradicionais a São Sebastião, atribuindo significados simbólicos a cada cor.

Velho Mané Gregório Jurandir
 Gregório não tem o lugar que merece,
 Muito bezerro chorão pedia por você quando ficava bom das bicheiras... Você
 que rezava pro santo na tiração das esmolas.
 as fitas azuis, verde, cor de rosa do santo...
 S. Sebastião, S. Sebastião, santo dos vaqueiros! Você bem sabe a fama do
 velho Mané Gregório Por estes campos S. Sebastião
 (Jurandir, 1932)

Para Pombo, Pessoa e Fares (2020), a fita azul significava o gênero masculino e todo seu vigor e a rosa o gênero feminino. “A inclusão da fita cor de rosa pode se dar pelo fato de São Sebastião ser considerado o patrono dos homossexuais desde o princípio do primeiro milênio da Era Cristã” (2020, p. 32). É recorrente a presença das fitas de cor rosa em lugares sagrados que tem como base as religiões de matrizes africanas, representando as três princesas turcas encantadas: Jarina, Mariana e Herondia, que eram filhas do sultão turco Darsalam.

Essa narrativa, tema de estudos realizados por Mundicarmo Ferreti (1996) e Sérgio Ferreti (2013), apresenta a saga das princesas desde o episódio de sua fuga para o reino amigo, na Mauritània, porém, sem nunca terem chegado ao destino. Pelo curso da viagem as princesas ao passarem pelo estreito de Gibraltar, conhecido como portal sagrado, deixaram o mundo real e material e se encantaram no mundo das encantarias.

Em documentário intitulado *A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados* (2009), tem-se uma descrição sobre a chegada das princizas turcas à foz do Rio Amazonas, próximo à ilha Grande de Joanes (antiga denominação da ilha do Marajó). Após despertarem de sono profundo, encontraram a sacerdotisa Tapuya (Pororoca) que chorava a perda de seus filhos, e passaram a viver como encantadas, nesse novo lar.

Segundo interpretação de alguns fieis vinculados à Igreja Católica, a mudança das cores das fitas ficando até os dias atuais vermelha, verde e branco são a representatividade respectivamente as cores da coroa portuguesa e a influência do

colonizador e o branco simbolizando a pureza e a paz.

Essas diferentes interpretações sobre os significados atribuídos às cores usadas nesta festividade nos motivam a adensar a pesquisa, pois, ao que tudo indica, pode estar ocorrendo o silenciamento e invisibilização de aspectos das práticas religiosas afro-diaspóricas.

Notas conclusivas

As festas de santos no contexto do catolicismo popular têm um significado de alcance e promessa como evidencia o Inventário de registro da Festividade de São Sebastião, em Cachoeira do Arari, como Patrimônio Cultural do Brasil. Pois este referido santo é denominado advogado e protetor dos fazendeiros, vaqueiros, pescadores e todos aqueles que se sentem ameaçados por uma peste ou enfermidade.

O dia 10 de janeiro é o início da festividade e o dia 20 de Janeiro marca o término da festividade, sendo perceptível o entrelaçamento dos aspectos religiosos e os profanos. A Festividade de São Sebastião nos permite perceber que um destes aspectos não existe sem o outro e, apesar das resistências da Igreja Católica em diversas vezes em que tentou se desvincular do mastro, sob a alegação de ser regado a muita bebida, é praticamente impossível imaginar a festividade sem um dos elementos que já fazem parte desta nossa tradição.

O mastro revela elementos importantes de diferentes tradições religiosas, notadamente se percebe em suas cores os aspectos relacionados a orixá. Contudo, os estudos ainda incipientes não permitem conclusões cabais a este respeito e instiga-nos a prosseguir com a pesquisa etnográfica sobre heranças africanas que são atualizadas nesta festividade de São Sebastião, no arquipélago do Marajó.

Nota-se, ainda, um elemento de sincretismo religioso expresso nas cores que marcam a festividade. Certamente, um tema que requer estudos mais aprofundados envolvendo a interface entre elementos da religiosidade do catolicismo com aqueles de matrizes africanas.

Evidenciou-se neste estudo que a festividade de São Sebastião é um fenômeno social, permeado por inúmeros aspectos e que envolve diferentes grupos sociais de diversos lugares e municípios marajoaras. O catolicismo popular que proporciona protagonismo, alianças, expressões das culturas locais em diferentes



momentos da festividade.

Referências

A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados. 2009.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=23LAdsP1mK0>

Acesso em: 23 de mar. 2025.

ALVES, Isidoro. 1980. *O carnaval devoto*: um estudo sobre a festa de Nazaré e Belém. Coleção de Antropologia. n. 13. Petrópolis: Vozes.

BANDEIRA NETTO, Felipe; CARDOSO, Denise Machado. 2014. Notas humanais e visuais sobre corridas de cavalo na ilha do Marajó em um campo antropológico. *Fotocronografias*, v. 8, p. 100-119.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986. *Os deuses do povo*: um estudo sobre a Religião Popular. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed.

CORREIA, Juliana Aparecida Garcia. 2013. *A arte de festejar*: da alternância da festa e de suas expressões materiais. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 183-199, maio.

COSTA, Antonio Mauricio. 2013. Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. *Tomo (UFS)*, São Cristóvão-SE, v. 6, p. 107-136.

DURKHEIM, Emile. 2014. *Formas Elementares de Vida Religiosa*. Rio de Janeiro: Paulus.

FERRETTI, Mundicarmo. 1996. *Tambor de Mina e Umbanda*: o culto aos caboclos no Maranhão. São Luís: UEMA; INTECAB.

FERRETTI, Sergio F. 2013. Encantaria maranhense de dom Sebastião. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 2013. p. 262-285| 265 e 266.

GALVÃO, Eduardo. 1955. *Santos e Visagens*: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo: Editora Nacional.

GALVÃO, Eduardo. 1953. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. *Boletim do Museu Nacional*. Antropologia, no 15. Rio de Janeiro.

GLUCKMAN, Max. 1990 [1961]. O material etnográfico na antropologia social inglesa. [Trad. Luís Fernando Dias Duarte]. In: Zaluar, Alba. 1990. *Desvendando máscaras sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.

IBGE. 2022. *Censo Demográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

IPHAN. 2010. *Inventário Nacional de Referências Culturais*: Dossiê das festividades de São Sebastião da Mesorregião do Marajó.



IPHAN. 2013. *Parecer nº 62/2013* – Pedido de Registro da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cacheira do Arari.

IPHAN. 2018. *Festividades de São Sebastião do Marajó*.

JURANDIR, Dalcídio. 1992. *Marajó*. 3º ed. Belém: Cejup.

LUCA, Taissa Tavernard; COSTA, S. M. R. 2020. Uma Experiência Cruzada Pelas Águas do Pará: A Família de Turquia no Tambor de Mina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. v. 7, p. 182-197.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1998 [1922]). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural.

MAUÉS, Raymundo. Herald. 1999. Em defesa do catolicismo popular e tradicional das populações amazônicas. In: Possidônio da Mata; Tea Figerio; Josimar Azevedo. (org.). *Culturas & Evangelização: leitura a partir do contexto amazônico*. Aparecida-SP: Santuário, p. 18-30.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. 1987. Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício. In MAUSS, Marcel: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva. p. 141-227.

MENGALI, Jeferson Flávio. 2018. *São Sebastião: O mártir que desafiou o imperador ao se declarar soldado de Cristo*. São Paulo: Editora Planeta.

OLIVEIRA, Aurenéia Maria de. 2023. Multiculturalismo, pluralismo e religiões afro-brasileiras: debate identitário envolvendo críticas ao uso do termo sincretismo. *Revista Caminhos*. Goiânia, v. 21, n. 1, p. 33-45, jan./abr.

OLIVEIRA, Fernando Meloni de. 2008. As políticas de turismo no Brasil nos anos noventa. *Revista Turismo em Análise*. [S. l.], v. 19, n. 2, p. 177-200.

PACHECO, Agenor Sarraf. 2009. *El Corazón de La Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras*. (Doutorado em História Social). PUC-São Paulo.

PEREZ, Léa Freitas. 2012. Festas para além da festa. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Gramond, p. 21-42.

POMBO, Délcia Pereira; PESSOA, Fátima Cristina da Costa; FARES, Josebel Akel. 2020. No texto poético, a marca identitárias: uma prática discursiva sobre o mundo do trabalho. *Revista Igarapé*. Porto Velho – RO. V. 13, N. 1, p. 20-37.

SANTOS, Paulo Henrique Santos dos. 2024. *Agarrada nos jogos quilombola: representatividade, conflitos e resistências*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Pará.

VERGOLINO, Anaíza. 2002. *Religiões Africanas no Pará: Uma Tentativa de Reconstrução Histórica*. Amazônia. Belém: IPAR, Ano 2, n. 2.